

Prevalência do uso de maconha e fatores associados entre estudantes de uma universidade do leste de Minas Gerais, Brasil

Prevalence of marijuana use and associated factors among students at a university in the east of Minas Gerais, Brazil

Prevalencia del consumo de marihuana y factores asociados entre estudiantes de una universidad del este de Minas Gerais, Brasil

João José Luiz Campos <https://orcid.org/0000-0002-9514-5944>¹; Arthur Félix Iácono Fullone <https://orcid.org/0009-0003-9268-6408>¹; Lélia Cápua Nunes <https://orcid.org/0000-0002-2651-7572>¹; Eulilian Dias de Freitas <https://orcid.org/0000-0002-4350-7499>¹; Camila Teixeira Vaz <https://orcid.org/0000-0002-1948-8769>²

Resumo O objetivo do artigo é investigar a prevalência do uso de maconha e fatores associados entre estudantes de uma universidade do leste de Minas Gerais. Foi realizado um estudo transversal com estudantes universitários de seis cursos da área da saúde. Os participantes preencheram dois questionários, o primeiro com questões sociodemográficas e o segundo com questões para triagem do envolvimento com tabaco, álcool e outras drogas. A associação entre as variáveis foi analisada por modelo de regressão logística. A prevalência do uso de maconha na vida foi de 19,62%. Estudantes de raça/cor não branca tiveram menos chance de usar maconha (OR: 0,61; IC95%: 0,37-0,99). Já estudantes que moravam em república, com amigos ou sozinhos (OR: 2,65; IC95%: 1,47-4,79), tinham uma relação ruim com o pai ou não tinham relação (OR: 2,25; IC95%: 1,28-3,95) e aqueles que não tinham uma religião (OR: 6,38; IC95%: 3,38-12,06) tiveram maior chance de usar maconha. O uso de maconha entre os estudantes esteve associado às variáveis explicativas raça/cor, forma de moradia, relação com o pai e religião. Esses resultados contribuem para indicar um grupo prioritário para definição de ações de prevenção da saúde e de danos.

Palavras-chave Cannabis, Estudantes, Universidades, Drogas ilícitas

Abstract The aim of this article is to investigate the prevalence of marijuana use and associated factors among students at a university in eastern Minas Gerais, Brazil. A cross-sectional study was conducted with university students from six health courses. The participants completed two questionnaires: the first included sociodemographic questions, and the second contained questions to screen for consumption of tobacco, alcohol, and other drugs. The association between the variables was analyzed using a logistic regression model. The lifetime prevalence of marijuana use was 19.62%. Students of non-white race/color were less likely to use marijuana (OR: 0.61; 95%CI: 0.37-0.99). Students who lived in a dormitory, with friends, or alone (OR: 2.65; 95%CI: 1.47-4.79), had a bad relationship with their father, or had no relationship (OR: 2.25; 95%CI: 1.28-3.95), and those who did not have a religion (OR: 6.38; 95%CI: 3.38-12.06) were more likely to use marijuana. Marijuana use among students was associated with the following explanatory variables: race/color, form of residence, relationship with father, and religion. These results contribute to indicating a priority group for defining health and damage prevention actions.

Key words Cannabis, Students, Universities, Illicit drugs

Resumen El objetivo de este artículo es investigar la prevalencia del consumo de marihuana y los factores asociados entre estudiantes de una universidad del este de Minas Gerais. Metodología: Se realizó un estudio transversal con estudiantes universitarios de seis carreras del área de la salud. Los participantes completaron dos cuestionarios, el primero con preguntas sociodemográficas y el segundo con preguntas para detectar el consumo de tabaco, alcohol y otras drogas. Se analizó la asociación entre las variables mediante un modelo de regresión logística. La prevalencia del consumo de marihuana a lo largo de la vida fue del 19,62 %. Los estudiantes de raza/color no blanco tenían menos probabilidades de consumir marihuana (OR: 0,61; IC95 %: 0,37-0,99). Por el contrario, los estudiantes que vivían en repúblicas, con amigos o solos (OR: 2,65; IC95 %: 1,47-4,79), tenían una mala relación con su padre o no tenían relación con él (OR: 2,25; IC95 %: 1,28-3,95) y aquellos que no tenía religión (OR: 6,38; IC95 %: 3,38-12,06) tenían más probabilidades de consumir marihuana. El consumo de marihuana entre los estudiantes se asoció con las variables explicativas: raza/color, tipo de morada, relación con el padre y religión. Estos resultados contribuyen a identificar un grupo prioritario para definir medidas de prevención de salud y daños.

Palabras clave Cannabis, Estudiantes, Universidades, Drogas ilícitas

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora – Campus Governador Valadares. R. São Paulo, Centro. 35010-180 Governador Valadares MG Brasil. joao.campos@estudante.ufjf.br

² Universidade Federal De São João Del Rei – Campus Centro Oeste. Divinópolis MG Brasil.

Introdução

No mundo, aproximadamente 269 milhões de pessoas fizeram uso de algum tipo de droga em 2018, marcando um aumento percentual de 30% em comparação a 2009¹. Nesse mesmo ano, cerca de 192 milhões de pessoas usaram maconha, o entorpecente mais consumido do mundo¹. Entre 2014 e 2018, foi a principal droga responsável pelo contato das pessoas com o sistema de justiça criminal, relacionando-se com mais da metade das infrações penais¹.

Mader *et al.*² demonstraram que o maior pico de exposição à maconha ocorre na juventude². Em estudo nos Estados Unidos, aproximadamente três quartos dos estudantes universitários relataram uso de maconha na vida e 39% o uso de maconha ao menos uma vez ao mês nos últimos três meses³. No Brasil, conforme dados das capitais brasileiras de 2010, 48,7% dos universitários relataram já ter consumido alguma substância psicoativa pelo menos uma vez na vida, excetuando-se o álcool e produtos derivados do tabaco⁴.

O ingresso na educação superior tem sido valorizado como alternativa principal de escolha para os estudantes que chegam ao fim do ensino médio e marca o início de uma nova fase na vida dos jovens⁵. Para muitos, essa etapa é marcada pela mudança de ambiente social, escolar e familiar, representando o início da administração de suas vidas sozinhos⁶.

A universidade configura um ambiente que pode propiciar o primeiro contato com o uso de drogas, devido à vulnerabilidade dos estudantes a comportamentos de risco gerados por momentos de estresse⁶. Além disso, a cultura dos ritos de iniciação e festas e a influência dos pares acadêmicos representam fatores de risco relacionados ao uso de drogas^{7,8}. Especificamente em relação ao uso de maconha, os estudos descrevem como fatores de risco a existência de conflitos familiares, residir em área urbana e ter histórico de abuso infantil⁹, e como fatores protetores, o envolvimento em atividades religiosas^{2,10} e morar com os pais¹¹.

O uso de maconha entre estudantes universitários pode resultar na possibilidade de desenvolver psicose e esquizofrenia¹², além de déficit cognitivo, prejuízo da memória e déficit de atenção, manifestações que parecem ser mais evidentes quando o uso se inicia precocemente¹³. Entre as consequências acadêmicas desse uso, estiveram a menor média nas notas e o maior número de faltas, que resultaram no aumento do tempo de conclusão da graduação¹⁴.

Diante desse cenário epidemiológico e considerando a característica descritiva da maioria dos estudos que investigaram o uso da maconha no território brasileiro¹¹, emerge a necessidade de mais pesquisas analíticas centradas na temática para melhor compreensão da relação entre esse desfecho e seus determinantes. Isso irá permitir subsidiar ações para promover a saúde dos estudantes e minimizar os danos.

Dessa forma, o objetivo do estudo foi investigar a prevalência do uso de maconha e seus fatores associados entre estudantes de uma universidade do leste de Minas Gerais.

Método

Desenho do estudo e participantes

Trata-se de um estudo transversal, realizado pelo Núcleo de Pesquisa e Estudos em Saúde Pública (NUPESP) da Universidade Federal de Juiz de Fora – Campus Governador Valadares (UFJF/GV), entre fevereiro e julho de 2015. Participaram do estudo todos os discentes, com 18 anos ou mais, devidamente matriculados nos seis cursos da área da saúde (educação física, farmácia, fisioterapia, medicina, nutrição e odontologia) do referido campus no primeiro semestre de 2015. Foram excluídos aqueles estudantes ausentes por qualquer motivo no momento da coleta de dados e os que preencheram os instrumentos de maneira inadequada, impossibilitando a análise dos dados.

Procedimentos

Os dados foram obtidos por meio de dois questionários autoaplicados. Primeiramente, os estudantes responderam a um questionário estruturado pelos próprios pesquisadores especificamente para este trabalho contendo questões sociodemográficas, sobre estilo de vida e psicossociais. Em seguida, responderam ao Alcool Smoking and Substance Involvement Screening Test (ASSIST), desenvolvido pela Organização Mundial de Saúde (OMS), para triagem do envolvimento com tabaco, álcool e outras drogas. O ASSIST é composto por oito questões sobre o uso de nove classes de substâncias psicoativas, sendo elas: tabaco, álcool, maconha, cocaína, estimulantes, sedativos, inalantes, alucinógenos e opiáceos.

O instrumento procura abordar a frequência do uso dessas substâncias na vida e nos últimos três meses, os problemas relacionados ao

uso e a preocupação apresentada pelas pessoas próximas ao usuário, bem como a identificação dos possíveis prejuízos demonstrados pelo usuário na execução de suas tarefas cotidianas. Esse questionário foi traduzido e validado para a população brasileira¹⁵. A coleta de dados ocorreu em sala de aula, em momento previamente acordado com o professor responsável e acompanhada por aplicadores treinados para orientar os estudantes no momento da coleta.

Variáveis

A variável resposta foi o uso de maconha ao longo da vida, operacionalizada por meio da seguinte pergunta: “Na sua vida, você já usou maconha?”. As opções de resposta foram: 0 = não e 1 = sim. As variáveis explicativas incluíram: raça/cor, categorizada em branca e não branca; estado civil, categorizado em solteiro(a) e casado(a) ou com união estável; curso, categorizado em medicina, odontologia e demais cursos (educação física, farmácia, fisioterapia ou nutrição); mora com pais ou parentes, categorizada em sim e não (república, amigos ou sozinho(a)); boa relação com a mãe, categorizada em sim (boa) e não (regular, ruim ou não tem nenhuma relação); boa relação com o pai, categorizada em sim (boa) e não (regular, ruim ou não tem nenhuma relação); relação entre a mãe e o pai, categorizada em vivem juntos e não vivem juntos ou um deles é viúvo(a); pratica alguma religião, categorizada em sim e não; tem algum trabalho, categorizado em sim e não; prática de atividade física, categorizada em sim e não; e índice de massa corporal, calculado a partir do peso e altura autorreferidos, categorizados, conforme preconizado pela OMS para a população adulta, em baixo peso, eutrófico e sobrepeso/obesidade¹⁶. As variáveis idade e sexo foram usadas como ajuste no modelo multivariado.

Em relação à variável explicativa raça/cor, seguindo as questões levantadas por Kabad e colaboradores, as categorias em uso foram embasadas pelo tamanho amostral e pelo número expressivamente reduzido de pessoas da raça amarela, em comparação com as demais (branca e negra)¹⁷. A informação foi obtida por meio de autodeclaração e analisada como fator e não como marcador, compreendendo que as condições sociais, econômicas e demográficas devem compor a interpretação das diferenças étnico-raciais¹⁷. Dessa forma, a descrição das categorias de raça/cor não trazem um sentido imutável à população¹⁷.

Análise estatística

Primeiramente, foi realizada uma análise descritiva, calculando-se a frequência para as variáveis categóricas e a mediana e o intervalo interquartil (1Q-3Q) para as variáveis contínuas. A prevalência de uso de maconha na vida foi estimada para a amostra, com um intervalo de confiança de 95% (IC95%). Em seguida, para verificar a associação entre o uso de maconha na vida e as variáveis explicativas, modelos de regressão logística bivariados foram ajustados. Todas as variáveis que apresentaram valor de p menor ou igual a 0,20 nessas análises foram consideradas aptas a entrarem no modelo multivariado. Nesse modelo, foi adotado o procedimento *stepwise-backward* para a seleção e retenção das variáveis, permanecendo no modelo final aquelas com valor de p menor do que ou igual a 0,05, com exceção da idade e do sexo, que foram usados como ajuste. Todas as análises foram feitas no *software* Stata, versão 13.0 (StataCorp LP, College Station, USA).

Crerios éticos

A pesquisa obteve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora, nº CAAE 40647314.9.0000.5147, de acordo com as resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde. Todos os participantes receberam previamente informações sobre os objetivos do estudo e procedimentos de coleta de dados e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Resultados

Participaram do estudo 593 estudantes dos seis cursos da área da saúde da universidade, o que corresponde a 78,8% do público-alvo da pesquisa. A prevalência estimada do uso de maconha na vida e nos últimos três meses na amostra estudada foi de 19,62% (IC95%: 16,37-22,87) e de 8,90% (IC95%: 6,59-11,22), respectivamente. A mediana de idade encontrada foi de 20 anos, sendo 19 anos correspondente ao primeiro quartil e 22 ao terceiro.

Os estudantes avaliados eram predominantemente do sexo feminino (67,2%), autodeclararam-se brancos(as) (52,7%) e eram solteiros(as) (94,8%). Compuseram a categoria de raça/cor não branca 254 pessoas da raça negra (de cor parda e preta) e seis pessoas da raça/cor amarela. Com relação ao curso, a maioria era estudan-

te do curso de medicina (33,4%), seguido de estudantes do curso de odontologia (24,8%), e os estudantes dos demais cursos (educação física, farmácia, fisioterapia e nutrição) correspondiam a 41,8%. A maioria morava em repúblicas, com amigos ou sozinhos(as) (67,7%), relatou que os pais moravam juntos (71,6%), tinha uma boa relação com a mãe (92,4%) e com o pai (81,3%). Além disso, os estudantes, majoritariamente, tinham uma religião (88,6%), não trabalhavam (93,2%), não praticavam nenhum tipo de atividade física (54,9%) e eram eutróficos (70,7%). Demais informações sobre a caracterização da amostra estão descritas na Tabela 1.

Ainda na Tabela 1, observam-se as análises bivariadas. O uso de maconha na vida associou-se negativamente ao sexo feminino (OR: 0,32 e IC95%: 0,21-0,50), à raça/cor não branca (OR: 0,63 e IC95%: 0,41-0,98) e a não praticar atividade física (OR: 0,52 e IC95%: 0,34-0,79). Por outro lado, o uso de maconha na vida associou-se positivamente a morar em república, com amigos ou sozinho(a) (OR: 2,12 e IC95%: 1,29-3,49), a ter uma relação ruim ou não ter relação com a mãe (OR: 2,28 e IC95%: 1,17-4,40) e com o pai (OR: 1,99 e IC 95%: 1,23-3,21), aos pais não viverem juntos ou um deles ser viúvo(a) (OR: 1,81 e IC 95%: 1,17-2,81), a não ter uma religião (OR: 7,80 e IC95%: 4,52-13,47) e a ter sobrepeso ou obesidade (OR: 2,20 e IC95%: 1,29-3,75).

De acordo com a Tabela 2, os resultados da análise multivariada mostraram que, independentemente da idade e do sexo, estudantes de raça/cor não branca tiveram menos chance de usar maconha na vida (OR: 0,61 e IC95%: 0,37-0,99). E estudantes que moravam em república, com amigos ou sozinhos(as) (OR: 2,65 e IC95%: 1,47-4,79), tinham uma relação ruim com o pai (OR: 2,25 e IC 95%: 1,28-3,95) e que não tinham uma religião (OR: 6,38 e IC 95%: 3,38-12,06) apresentaram maior chance de usar maconha na vida.

Discussão

A prevalência do uso de maconha na vida entre os estudantes foi de 19,62%. A análise multivariada demonstrou que, independentemente da idade e do sexo, estudantes de raça/cor não branca tiveram menor chance de usar maconha na vida. Por outro lado, aqueles que moravam em república, com amigos ou sozinhos, que tinham relação ruim com o pai ou que não tinham religião tiveram maior chance do uso da substância.

A prevalência de uso de maconha na vida demonstrada no presente estudo foi semelhante às encontradas para estudantes da região Sul do Brasil^{18,19} (19,3% e 19,2%) e de Salvador²⁰ (20,5%), e superiores às demonstradas entre universitários Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia²¹ (4,9%), de odontologia²², de farmácia e bioquímica²³ e de pedagogia²⁴ do Espírito Santo (13,2%, 8,8% e 7,5%, respectivamente) e da Paraíba²⁵ (10,6%). Por outro lado, estudos com universitários das 27 capitais brasileiras⁴, de Curitiba²⁶ e de Ribeirão Preto²⁷ encontraram prevalências maiores (26,1%, 26,14% e 24,4%, respectivamente). Entre estudantes de Rio Grande¹¹, no Sul do país, e do Colorado, nos Estados Unidos³, as prevalências de uso de maconha na vida foram mais do que o dobro da encontrada neste estudo (40,5% e 73,0%, respectivamente).

Sabe-se que o início da vida universitária pode ser marcado pelo abuso de drogas que remetem à facilitação das interações sociais e à fuga de problemas associados ao ambiente de estresse⁶. Em estudo com estudantes de graduação, Phillips *et al.* encontraram associação entre uso de maconha no ano anterior e recente e abertura para novas ideias/experiências³. Para graduandos das áreas da saúde, a situação em relação ao consumo de substâncias pode ser mais complexa, por enfrentarem diretamente o sofrimento humano, a dor e a morte, muitas vezes sem uma preparação educacional adequada para lidar com esses desafios^{28,29}. Ao mesmo tempo, o crescente uso da maconha pode estar relacionado à diminuição da conscientização dos riscos de seu uso¹¹ e/ou à abertura das discussões sobre a permissão de sua utilização para fins medicinais e recreativos, semelhantes às que ocorrem nos Estados Unidos, no Uruguai e na Holanda¹¹.

Em nosso estudo, os estudantes da raça/cor não branca tiveram 39% menos chance de usar maconha do que os de raça branca (IC95%: 0,37-0,99). Similarmente, estudo conduzido em uma faculdade dos Estados Unidos demonstrou que as chances de uso de maconha e remédios controlados nos últimos 12 meses foi significativamente maior entre as pessoas de cor branca (OR: 2,12; IC95%: 1,71-2,62)³⁰. Em outros trabalhos realizados no sul da Califórnia³¹ e em 40 estados estadunidenses³², ser da raça/cor/etnia branca também esteve associado ao maior uso de maconha, apresentando razões de chance de 1,53 e de 1,32, respectivamente. Já em uma universidade do Sul do Brasil, não foi encontrada associação entre raça/cor e consumo de maconha¹¹.

Tabela 1. Caracterização dos estudantes da área da saúde e análises bivariadas entre o uso de maconha na vida e variáveis explicativas, Universidade Federal de Juiz de Fora/Campus Governador Valadares, Minas Gerais, 2015.

Variável	Total	Uso de maconha na vida		OR	p-valor
	N = 593	Sim	Não	(IC95%)	
Idade ¹ mediana (1Q-3Q)	20 (19-22)	20 (19-22)	20 (19-21)	0,99 (0,94-1,04)	0,587
Sexo ² n (%)					
Masculino	190 (32,8)	61 (54,5)	126 (27,9)	1,00	
Feminino	390 (67,2)	51 (45,5)	325 (72,1)	0,32 (0,21-0,50)	<0,001
Raça/cor ³ n (%)					
Branca	290 (52,7)	66 (62,3)	218 (51,1)	1,00	
Não branca	260 (47,3)	40 (37,7)	209 (48,9)	0,63 (0,41-0,98)	0,034
Estado Civil ⁴ n (%)					
Solteiro(a)	546 (94,8)	106 (96,4)	423 (94,2)	1,00	
Casado(a)/união estável	30 (5,2)	4 (3,6)	26 (5,8)	0,61 (0,21-1,80)	0,373
Curso n (%)					
Medicina	198 (33,4)	48 (42,5)	149 (32,2)	1,00	
Odontologia	147 (24,8)	26 (23,0)	120 (25,9)	0,67 (0,39-1,15)	0,146
Demais cursos	248 (41,8)	39 (34,5)	194 (41,9)	0,62 (0,39-1,00)	0,051
Mora pais/parentes ⁵ n (%)					
Sim	189 (32,3)	23 (20,4)	160 (35,2)	1,00	
Não	396 (67,7)	90 (79,6)	295 (64,8)	2,12 (1,29-3,49)	0,003
Boa relação mãe ⁶ n (%)					
Sim	545 (92,4)	98 (86,7)	431 (93,7)	1,00	
Não	45 (7,6)	15 (13,3)	29 (6,3)	2,28 (1,17-4,40)	0,015
Boa relação pai ⁷ n (%)					
Sim	479 (81,3)	81 (71,7)	383 (83,4)	1,00	
Não	110 (18,7)	32 (28,3)	76 (16,6)	1,99 (1,23-3,21)	0,005
Relação mãe e pai ⁸ n (%)					
Vivem juntos	412 (71,6)	69 (61,6)	332 (74,4)	1,00	
Não vivem juntos/viúvo(a)	163 (28,4)	43 (38,4)	114 (25,6)	1,81 (1,17-2,81)	0,007
Religião ⁹ n (%)					
Sim	521 (88,6)	75 (66,4)	431 (93,9)	1,00	
Não	67 (11,4)	38 (33,6)	28 (6,1)	7,80 (4,52-13,47)	<0,001
Trabalha ¹⁰ n (%)					
Sim	40 (6,8)	8 (7,1)	31 (6,8)	1,00	
Não	548 (93,2)	104 (92,9)	428 (93,2)	0,94 (0,42-2,11)	0,884
Atividade Física ¹¹ n (%)					
Sim	264 (45,1)	66 (58,4)	192 (42,1)	1,00	
Não	322 (54,9)	47 (41,6)	264 (57,9)	0,52 (0,34-0,79)	0,002
IMC ¹¹ n (%)					
Eutrófico	333 (70,7)	62 (64,6)	263 (72,7)	1,00	
Baixo peso	51 (10,8)	6 (6,3)	45 (12,4)	0,57 (0,23-1,39)	0,212
Sobrepeso ou obesidade	87 (18,5)	28 (29,1)	54 (14,9)	2,20 (1,29-3,75)	0,004

¹ missing = 25; ² missing = 13; ³ missing = 43; ⁴ missing = 17; ⁵ missing = 18; ⁶ missing = 3; ⁷ missing = 4; ⁸ missing = 5; ⁹ missing = 8; ¹⁰ missing = 10; ¹¹ missing = 122.

Fonte: Autores.

As diferenças raciais/étnicas no uso de drogas ilícitas podem ter início antes da universidade³⁰, e evidências indicam que estudantes do ensino médio com forte identidade étnica podem ter frequência reduzida do uso de maco-

nha por um efeito no aumento do engajamento escolar³³. Os estudos sugerem a realização de monitoramento contínuo das diferenças raciais/étnicas para orientar as políticas de prevenção e tratamento do uso de maconha³⁴, bem como

Tabela 2. Análise multivariada por meio de regressão logística para o uso de maconha na vida de estudantes da área da saúde, Universidade Federal de Juiz de Fora/Campus Governador Valadares, Minas Gerais, 2015.

Variável	OR	IC95%	p-valor
Raça/cor			
Branca	1,00		
Não branca	0,61	0,37-0,99	0,050
Mora pais/parentes ⁹ n (%)			
Sim	1,00		
Não	2,65	1,47-4,79	0,001
Boa relação pai			
Sim	1,00		
Não	2,25	1,28-3,95	0,005
Religião ⁸ n (%)			
Sim	1,00		
Não	6,38	3,38-12,06	< 0,001

Fonte: Autores.

para orientar medidas de rastreamento, encaminhamento e tratamento que sejam racialmente e etnicamente sensíveis³⁰.

A forma de moradia do estudante também esteve associada ao uso de maconha. Esse resultado corrobora o encontrado entre universitários no Canadá, em que morar com os pais ou familiares esteve associado a 40% menos chance de uso de maconha na vida (OR: 0,60; IC95%: 0,48-0,75)². Outro estudo no mesmo país demonstrou que os universitários que moravam longe de seus pais tiveram chance duas vezes maior de usar maconha no último mês (OR: 2,03; IC95%: 1,46-2,84), em comparação com os estudantes que moravam com eles³⁵. Potencialmente, tal fato pode estar relacionado à diminuição da influência parental sobre os filhos no momento do ingresso na faculdade³⁵.

O fato de morar longe dos pais pode se refletir na maior exposição dos estudantes às drogas, devido ao aumento das oportunidades de uso e à redução da capacidade de recusa a ofertas^{11,36,37}. Vale ressaltar que mudanças culturais e geográficas nesse momento criam um ambiente de angústia, exacerbado pela ausência de uma rede de apoio familiar próxima^{11,38}. Desse modo, a combinação de maior liberdade, menor supervisão e busca por mecanismos de enfrentamento pode contribuir para o aumento do uso de maconha entre estudantes que vivem sem os pais^{11,36-38}.

Nesse sentido, um elevado nível de monitoramento dos pais no ensino médio foi correlacionado a um menor aumento da frequência

do uso de maconha após esse período entre universitários dos Estados Unidos³⁹, demonstrando que a presença, participação e acompanhamento dos pais na vida acadêmica dos filhos pode reduzir o uso da substância. Napper e colaboradores também demonstraram correlação inversa entre monitoramento parental e uso de maconha e aprovação do uso de maconha por estudantes de psicologia (r: -0,20, p < 0,001; r: -0,21, p < 0,001, respectivamente)⁴⁰.

As relações familiares parecem interferir no uso de maconha e, por conseguinte, em suas consequências. A família representa papel fundamental como fonte de referência para os jovens na orientação de suas ações e atitudes⁴¹. As crenças e valores transmitidos pelo ambiente familiar constituem elemento crucial no processo de encontro de soluções práticas para equilibrar as exigências acadêmicas com as responsabilidades pessoais e familiares⁴¹.

Na presente pesquisa, estudantes com relação ruim com o pai tiveram chance 1,25 vez maior de usar maconha (IC95%: 1,28-3,95). Similarmente, o relato de história de conflito familiar entre universitários egípcios aumentou a chance de abusar de haxixe, *bhang*, *strox*, *voodoo*, tramadol, heroína e álcool (OR: 6,48; IC95%: 5,08-8,28)⁹. Já entre jovens suíços, o relacionamento conturbado com os pais não esteve associado ao início do uso de maconha (OR: 1,34; IC95%: 0,95-1,88)⁴². E em estudo conduzido em Chicago com pessoas de 10 a 22 anos, o conflito familiar foi significativamente associado à ocorrência de transtornos por uso de álcool ou maconha no último ano (OR: 1,23; IC95%: 1,02-1,47)⁴³.

Em relação à religião, no presente estudo foi observada chance 5,38 vezes maior de uso de maconha entre estudantes que não tinham uma religião. Em uma universidade da Paraíba foi observada uma razão de prevalência de 1,70 (IC95%: 1,02-2,84) entre estudantes que tinham religião para uso na vida de drogas ilícitas²⁵. Thomas *et al.* sugerem que o efeito da religião possa advir das normas sociais restritivas existentes entre grupos engajados nessas ações⁴⁴.

Outros estudos no Brasil apontam que a prática da religião parece influenciar no uso de maconha. Gomes *et al.* encontraram chance maior de uso de maconha nos últimos 30 dias entre discentes brasileiros que não eram frequentes em suas religiões (OR: 2,09 IC95%: 1,39-3,14)¹⁰. No Sul do Brasil, a razão de prevalência do uso de maconha no último mês foi de 0,28 (IC 95%: 0,17-0,47) para universitários que praticavam religião semanalmente ou dia-

riamente, comparado aos que nunca o faziam¹¹. Ainda nessa investigação, a prática de religião também apresentou redução na probabilidade do uso da substância conforme aumentava sua frequência (p-valor para tendência linear: < 0,001)¹¹. A prática religiosa pode estar associada ao controle indireto das atitudes referentes ao consumo de drogas, como a maconha, pela percepção da imoralidade que o ato representa em si próprio⁴⁵. A inclusão de práticas espirituais e religiosas pode proporcionar aos estudantes um senso de propósito e apoio comunitário, auxiliando-os a lidar com o estresse e as pressões acadêmicas de maneira saudável e construtiva²⁸.

A religião e a religiosidade parecem estar consolidadas como um dos protetores mais importantes contra o uso de drogas, o que amplia o interesse de profissionais de saúde e pesquisadores em estudá-las¹⁰. No Canadá, universitários classificados no maior *score* de religiosidade apresentaram menor chance de uso de maconha (OR: 0,92; IC95%: 0,87-0,97)², resultados semelhantes aos relatados para graduandos dos Estados Unidos de ascendência europeia-americana (OR: 0,83, IC95%: 0,74-0,92) e afro-americana (OR: 0,82; IC95%: 0,72-0,94) que praticam atividades relacionadas à igreja, além dos cultos de adoração⁴⁵.

Pesquisas indicam que, ao se engajarem em padrões de religiosidade e espiritualidade, os jovens adotam um conjunto de valores, símbolos, comportamentos e práticas sociais que incluem, em última instância, a rejeição do uso de álcool e outras drogas^{28,46,47}. Alguns autores consideram que os ensinamentos religiosos podem ser protetores ao exercer uma influência direta na estrutura familiar ou na personalidade de um indivíduo ou ao incutir os valores de respeito, bem-estar e autopreservação^{10,48}. Entre os adolescentes, os efeitos da religiosidade no uso de drogas podem ser mediados por melhor autocontrole e menor tolerância a desvios frente a normas sociais⁴⁹. Dessa forma, estratégias que incorporem a espiritualidade podem ser significativamente benéficas para enfrentar as dificuldades da vida universitária, funcionando como uma proteção contra comportamentos de risco associados ao uso de drogas²⁸.

Este estudo apresenta limitações inerentes ao desenho de estudo transversal, como os vieses

de prevalência e de informação e o fato de não ser possível inferir causalidade entre o desfecho e os fatores investigados. Além disso, os estudantes podem ter omitido ou subestimado o consumo de maconha, por ser uma substância ilícita. Na tentativa de minimizar esses efeitos, os aplicadores foram treinados para orientarem a coleta de dados e os questionários foram auto-aplicados e sem identificação.

Ainda como limitações, podem ser citadas a ausência de um cálculo amostral, o que pode aumentar a possibilidade de erro na coleta e no manuseio de dados⁵⁰; o agrupamento de forma “bi-racial” da variável explicativa “raça/cor”, que pode representar um problema na interpretação das informações^{17,51}; e o tamanho do intervalo de confiança da variável explicativa “pratica alguma religião” na análise multivariada. No entanto, foram feitas três tentativas de coleta de dados em cada turma e realizado um cuidadoso manuseio do banco de dados; o agrupamento na variável explicativa “raça/cor” foi testado com exclusão das pessoas da raça amarela e o modelo manteve-se o mesmo; por fim, dado o resultado significativo, a variável explicativa “pratica alguma religião” foi mantida, e seu possível efeito, interpretado. Ressalta-se que os resultados devem ser interpretados com cuidado e não podem ser generalizados para outra população além da estudada.

Conclui-se que o uso de maconha na vida entre estudantes encontrou-se associado a raça/cor, forma de moradia, relação com o pai e religião. Esses resultados contribuem para definir pontos prioritários para abordagem em ações de educação em saúde entre universitários. Além disso, apontam para a importância de que essas iniciativas tenham caráter institucional, visando a proteção da saúde dos jovens. O envolvimento estudantil e a incorporação da temática nos projetos pedagógicos dos cursos configuram alternativas para fortalecer esse movimento.

Recomenda-se a realização de estudos complementares, transversais e longitudinais, para aprofundar a compreensão da relação investigada, inclusive no sentido de contribuir para elucidar a causalidade. Isso permitirá orientar e subsidiar as práticas de prevenção do uso de maconha e de danos e de promoção da saúde entre jovens de forma mais efetiva.

Colaboradores

JLL Campos: concepção do estudo, interpretação dos resultados, redação do artigo e aprovação da versão a ser publicada. AFI Fullone: interpretação dos resultados, redação do artigo e aprovação da versão a ser publicada. ED Freitas: interpretação dos resultados, revisão do artigo e aprovação da versão a ser publicada. LC Nunes e CT Vaz: concepção e delineamento do estudo, análises e interpretação de dados, redação do artigo, orientação da escrita, revisão crítica do artigo e aprovação da versão a ser publicada.

Declaração de disponibilidade de dados

As fontes de dados utilizados na pesquisa estão indicadas no corpo do artigo.

Referências

1. United Nations Office on Drugs and Crime. *World drug report 2020*. Vienna: UN; 2020.
2. Mader J, Smith JM, Afzal AR, Szeto ACH, Winters KC. Correlates of lifetime cannabis use and cannabis use severity in a Canadian university sample. *Addict Behav* 2019; 98:106015.
3. Phillips KT, Lalonde TL, Phillips MM, Schneider MM. Marijuana use and associated motives in Colorado university students. *Am J Addict* 2017; 26(8):830837.
4. Andrade AG, Duarte PCAV, Oliveira LG, organizadores. *I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras*. Brasília: SENAD; 2010.
5. Sparta M, Gomes WB. Importância atribuída ao ingresso na educação superior por alunos do ensino médio. *Rev Bras Orientac Prof* 2005; 6(2):4553.
6. Camargo ECP, Gonçalves JS, Felipe AOB, Fava SMCL, Zago MMF, Dázio EMR. Uso e abuso de drogas entre universitários e a sua interface com as políticas públicas. *SMAD* 2019; 15(4):19.
7. Andrews JA, Tildesley E, Hops H, Li F. The influence of peers on young adult substance use. *Health Psychol* 2002; 21(4):349357.
8. Oliveira HPO Junior, Brands B, Cunningham J, Strike C, Wright MGM. Percepção dos estudantes universitários sobre o consumo de drogas entre seus pares no ABC Paulista, São Paulo, Brasil. *Rev Latino-Am Enfermagem* 2009; 17(n. esp.):871877.
9. Naguib YM, Sherif HA, Elbalshy AT, Edrees EA, Sabry AE, Sharif AF, Alosdari SHA, Kasemy ZA. Prevalence and associated risk factors of cannabinoid abuse among Egyptian university students: a crosssectional study. *Environ Sci Pollut Res Int* 2021; 28(48):6870668716.
10. Gomes FC, Andrade AG, Izbicki R, MoreiraAlmeida A, Oliveira LG. Religion as a protective factor against drug use among Brazilian university students: a national survey. *Braz J Psychiatry* 2013; 35(1):2937.
11. Demenech LM, Dumith SC, Paludo SDS, Neiva-Silva L. Academic migration and marijuana use among undergraduate students: evidences from a sample in southern Brazil. *Cien Saude Colet* 2019; 24(8):3107-3116.
12. Shapiro GK, Buckley-Hunter L. What every adolescent needs to know: cannabis can cause psychosis. *J Psychosom Res* 2010; 69(6):533-539.
13. Solowij N, Pesa N. Anormalidades cognitivas no uso da cannabis. *Braz J Psychiatry* 2010; 32:531-540.
14. Arria AM, Caldeira KM, Bugbee BA, Vincent KB, O'Grady KE. The academic consequences of marijuana use during college. *Psychol Addict Behav* 2015; 29(3):564-575.
15. Henrique IFS, Micheli D, Lacerda RB, Lacerda LA, Formigoni MLOS. Validação da versão brasileira do teste de triagem do envolvimento com álcool, cigarro e outras substâncias (ASSIST). *Rev Assoc Med Bras* 2004; 50(2):199-206.
16. World Health Organization (WHO). *Obesity: preventing and managing the global epidemic*. Geneva: WHO; 2000.

17. Kabad JF, Bastos JL, Santos RV. Raça, cor e etnia em estudos epidemiológicos sobre populações brasileiras: revisão sistemática na base PubMed. *Physis* 2012; 22(3):895-918.
18. Medeiros SB, Rediess S V, Hauck Filho N, Martins MIM, Mazoni CG. Prevalência do uso de drogas entre acadêmicos de uma universidade particular do sul do Brasil. *Aletheia* 2012; 38-39:81-93.
19. Picolotto E, Libardoni LFC, Migott AMB, Geib LTC. Prevalência e fatores associados com o consumo de substâncias psicoativas por acadêmicos de enfermagem da Universidade de Passo Fundo. *Cien Saude Colet* 2010; 15(3):645-654.
20. Lemos KM, Neves NMBC, Kuwano AY, Tedesqui G, Bitencourt AGV, Neves FBCS, Guimarães AN, Rebello A, Bacellar F, Lima MM. Uso de substâncias psicoativas entre estudantes de Medicina de Salvador (BA). *Arch Clin Psychiatry (São Paulo)* 2007; 34(3):118-124.
21. Araujo CM, Vieira CX, Mascarenhas CHM. Prevalência do consumo de drogas lícitas e ilícitas por estudantes universitários. *SMAD* 2018; 14(3):144-150.
22. Teixeira RF, Souza RS, Buaiz V, Siqueira MM. Uso de substâncias psicoativas entre estudantes de odontologia da Universidade Federal do Espírito Santo. *Cien Saude Colet* 2010; 15(3):655-662.
23. Portugal FB, Souza, RS, Buaiz, V, Siqueira, MM. Uso de drogas por estudantes de Farmácia da Universidade Federal do Espírito Santo. *J Bras Psiquiatr* 2008; 57(2):127-132.
24. Portugal FB, Cerutti Júnior C, Siqueira MM. Uso de substâncias psicoativas por futuros educadores. *Cad Saude Colet* 2014; 21(4):432-440.
25. Dantas LR, Gomes MC, Lima LCM, Cruz-da-Silva BR, Dantas LR, Granville-Garcia AF. Use of psychoactive substances at least once in life among Brazilian university students at the beginning and end of courses and the associated factors. *Cad Saude Colet* 2017; 25(4):468-674.
26. Tockus D, Gonçalves PS. Detecção do uso de drogas de abuso por estudantes de medicina de uma universidade privada. *J Bras Psiquiatr* 2008; 57(3):184-187.
27. Zanetti ACG, Cumsille F, Mann R. The association between the use of alcohol, marijuana and cocaine and the sociodemographic characteristics of university students of Ribeirão Preto, Brazil. *Texto Contexto Enferm* 2019; 28(n. esp.):e110.
28. Silva RP, Souza P, Nogueira DA, Moreira DS, Chaves ECL. Relação entre bemestar espiritual, características sociodemográficas e consumo de álcool e outras drogas por estudantes. *J Bras Psiquiatr* 2013; 62(3):191-198.
29. Santos JL, Bueno SMV. Educação para a morte a docentes e discentes de enfermagem: revisão documental da literatura científica. *Rev Esc Enferm USP* 2011; 45(1):272-276.
30. McCabe SE, Morales M, Cranford JA, Delva J, McPherson MD, Boyd CJ. Race/ethnicity and gender differences in drug use and abuse among college students. *J Ethn Subst Abuse* 2007; 6(2):75-95.
31. Chandler L, Abdujwaw AW, Mitra S, McEligot AJ. Marijuana use and high-risk health behaviors among diverse college students post-legalization of recreational marijuana use. *Public Health Pract (Oxf)* 2021; 2:100195.
32. Bell R, Wechsler H, Johnston LD. Correlates of college student marijuana use: results of a US National Survey. *Addiction* 1997; 92(5):571-581.
33. Arsenault CE, Fisher S, Stevens-Watkins D, Barnes-Najor J. The Indirect Effect of Ethnic Identity on Marijuana Use Through School Engagement: An African American High School Sample. *Subst Use Misuse* 2018; 53(9):1444-1453.
34. Montgomery L, Dixon S, Mantey DS. Racial and Ethnic Differences in Cannabis Use and Cannabis Use Disorder: Implications for Researchers. *Curr Addict Rep* 2022; 9(1):14-22.
35. Gfroerer JC, Greenblatt JC, Wright DA. Substance use in the US college-age population: differences according to educational status and living arrangement. *Am J Public Health* 1997; 87(1):62-65.
36. Pinchevsky GM, Arria AM, Caldeira KM, Garnier-Dykstra LM, Vincent KB, O'Grady KE. Marijuana exposure opportunity and initiation during college: parent and peer influences. *Prev Sci* 2012; 13(1):43-54.
37. El Ansari W, Vallentin-Holbech L, Stock C. Predictors of illicit drug/s use among university students in Northern Ireland, Wales and England. *Glob J Health Sci* 2014; 7(4):18-29.
38. Hyman SM, Sinha R. Stress-related factors in cannabis use and misuse: implications for prevention and treatment. *J Subst Abuse Treat* 2009; 36(4):400-413.
39. White HR, McMorris BJ, Catalano RF, Fleming CB, Haggerty KP, Abbott RD. Increases in alcohol and marijuana use during the transition out of high school into emerging adulthood: the effects of leaving home, going to college, and high school protective factors. *J Stud Alcohol* 2006; 67(6):810-822.
40. Napper LE, Hummer JF, Chithambo TP, LaBrie JW. Perceived parent and peer marijuana norms: the moderating effect of parental monitoring during college. *Prev Sci* 2015; 16(3):364-373.
41. Zago L, Santos PL, Scorsolini-Comin F, Santos MA. Funcionamento familiar na perspectiva de jovens universitários: influência de variáveis sociodemográficas e características familiares. *Rev Fam Ciclos Vida Saude Contexto Soc* 2021; 9(1):43-45.
42. Haug S, Núñez CL, Becker J, Gmel G, Schaub MP. Predictors of onset of cannabis and other drug use in male young adults: results from a longitudinal study. *BMC Public Health* 2014; 14:1202.
43. Skeer M, McCormick MC, Normand SL, Buka SL, Gilman SE. A prospective study of familial conflict, psychological stress, and the development of substance use disorders in adolescence. *Drug Alcohol Depend* 2009; 104(1-2):65-72.
44. Thomas NS, Salvatore JE, Gillespie NA, Aliev F, Ksinnan AJ, Dick DM; Spit for Science Working Group. Cannabis use in college: genetic predispositions, peers, and activity participation. *Drug Alcohol Depend* 2021; 219:108489.

45. Stylianou S. The role of religiosity in the opposition to drug use. *Int J Offender Ther Comp Criminol* 2004; 48(4):429-448
46. Abdala AG, Rodrigues WG, Torres A, Rios MC, Brasil MS. A religiosidade/espiritualidade como influência positiva na abstinência, redução e/ou abandono do uso de drogas. *Form Vivências Estud* 2009; 2(3):447-460.
47. Pillon SC, Santos MA, Gonçalves AM S, Araújo KM. Uso de álcool e espiritualidade entre estudantes de enfermagem. *Rev Esc Enferm USP*. 2011; 45(1):100-107.
48. Van der Meer Sanchez Z, De Oliveira LG, Nappo SA. Religiosity as a protective factor against the use of drugs. *Subst Use Misuse* 2008; 43(10):1476-1486.
49. Walker C, Ainette MG, Wills TA, Mendoza D. Religiosity and substance use: test of an indirect-effect model in early and middle adolescence. *Psychol Addict Behav* 2007; 21(1):84-96.
50. Torres TZG, Magnanini MMF, Luiz RR. Amostragem. In: Medronho RA, Bloch KV, Luiz RR, Werneck GL, organizadores. *Epidemiologia*. São Paulo: Editora Atheneu, 2009.
51. Travassos C, Williams DR. The concept and measurement of race and their relationship to public health: a review focused on Brazil and the United States. *Cad Saude Publica* 2004; 20(3):660-678.

Artigo apresentado em 16/04/2024

Aprovado em 05/03/2025

Versão final apresentada em 07/03/2025

Editores-chefes: Maria Cecília de Souza Minayo, Romeu Gomes, Antônio Augusto Moura da Silva, Vania de Matos Fonseca